



*SEMINÁRIO*  
**DESPORTO E**  
**CIÊNCIA**

**2018**

**20 e 21 de Abril de 2018**

*COLÉGIO DOS JESUÍTAS*  
UNIVERSIDADE DA MADEIRA

## **Seminário Internacional Desporto e Ciência 2018**

### **Comissão Organizadora**

Catarina Fernando, Helder Lopes, João Prudente, Rui Trindade, Ricardo Alves, Hélio Antunes, Ana Luísa Correia, Duarte Sousa e João Noite.

### **Comissão Científica**

Hélder Lopes, João Prudente, Catarina Fernando, Duarte Freitas, Rui Ornelas, Jorge Soares, Élvio Gouveia, Ricardo Alves e Ana Rodrigues

### **Ficha Técnica**

#### **Livro de Atas Seminário Internacional Desporto e Ciência 2018**

**ISBN:** 978-989-8805-38-6

**Coordenação da Edição:** Catarina Fernando, Hélder Lopes, João Prudente, Rui Ornelas

**Editor:** Universidade da Madeira

2018 - Funchal, Portugal

**Suporte:** Eletrónico

**Formato:** PDF/PDF/A

## **Didática das atividades de adaptação ao meio, uma operacionalização na Orientação**

Fernando, C., Vicente, A., Prudente, J., Lopes, H.

### **Resumo**

A lecionação da orientação na escola nem sempre vai ao encontro das necessidades formativas da educação atual. Este tipo de dificuldade surge muitas vezes pela incapacidade de estruturar o conhecimento de uma forma funcional e que nos permita dominar os fatores que nos possibilitam solicitar os comportamentos pretendidos.

Deste modo procurámos identificar algumas das dificuldades existentes na operacionalização desta matéria na escola e apresentar propostas de estruturação do conhecimento coerentes com os objetivos definidos e que permitem uma *praxis* coerente com o conceito atual de educação.

Apresentamos também alguns exemplos de exercícios que poderão ser operacionalizados no contexto da escola e que permitem ir ao encontro dos princípios ativos que definimos para a orientação através do modelo das atividades de adaptação ao meio.

**Palavras chave:** Didática, Adaptação ao Meio, Orientação

### **Introdução**

O conceito atual de educação pressupõe o desenvolvimento das capacidades e potencialidades de cada indivíduo, numa lógica de personalização do processo pedagógico, contudo nem sempre as metodologias utilizadas na *praxis* espelham este tipo de preocupação. Infelizmente é ainda frequente a utilização de metodologias que promovem uma aprendizagem do aluno centrada na reprodução/imitação de técnicas e não na capacidade de resolução de problemas.

Se em algumas atividades desportivas a repetição de um conjunto de gestos (mesmo que não seja o mais eficaz) é ainda uma estratégia que poderá ser viável, nas atividades de Adaptação ao Meio o custo do erro é muito grande para que seja aceitável utilizar este tipo de estratégias.

Segundo a taxonomia de Almada, as atividades de adaptação ao meio, podem ser representadas de forma simplificada pelo modelo  $y = f(x)$ , onde  $x$  representa os fatores em jogo e  $y$  os comportamentos que são solicitados ao indivíduo (Almada, Fernando, Lopes,

Vicente & Vitória, 2008). Como está patente no modelo, existe uma permanente necessidade do indivíduo se relacionar com o contexto e adaptar-se de modo a poder dar respostas adequadas. Saber “ler” os indicadores do contexto, interpretá-los e resolver problemas é fundamental para o sucesso da performance do desportista.

A inadequação das formas de encarar o processo pedagógico neste tipo de atividades é visível nas mais diversas atividades, como por exemplo num simples processo de aprendizagem de um nó (competência transversal a várias atividades como o rappel, vela, etc.) que apesar de poder parecer um pormenor, a médio e longo prazo condiciona o desenvolvimento do indivíduo que se vai habituar a imitar e repetir em vez de se habituar a pensar e a resolver problemas (Fernando, Vicente, Prudente, Simões & Lopes, 2017).

Neste artigo, iremos tratar algumas das dificuldades identificadas na abordagem da matéria de orientação nas escolas e expor algumas formas de operacionalização destes conteúdos que são coerentes com o quadro concetual que defendemos (Almada *et al.*, 2008).

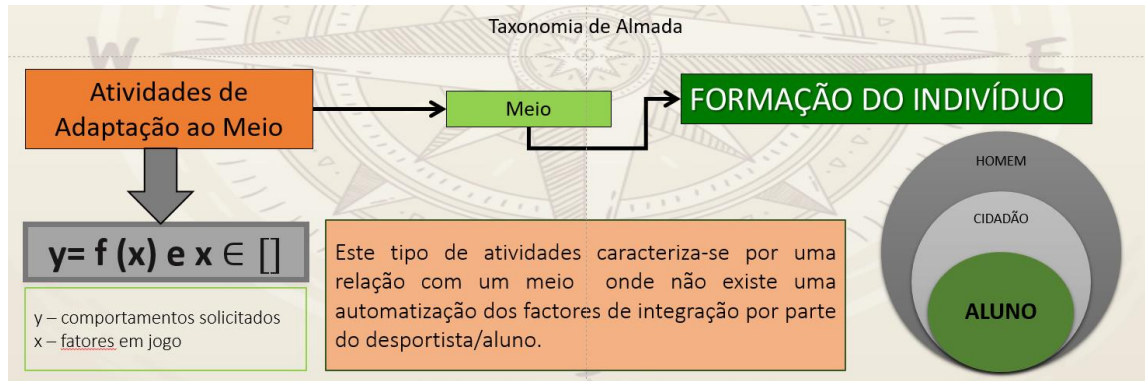
### **Desenvolvimento**

Para desenvolver o nosso trabalho, iremos começar por balizar o quadro conceptual onde nos enquadrámos, construindo deste modo uma conjectura que pretendemos que venha a ser refutada ou consolidada.

Como matéria de Orientação iremos considerar não somente a modalidade mas o instrumento em si, um instrumento que nos permite cumprir a função de “orientação” nos mais diversos contextos e atividades (na navegação, numa expedição ou passeio, etc.). A definição que teremos em conta será *“Orientarmo-nos passa, assim, por sermos capazes de saber o contexto em que nos situamos, o local onde nos encontramos e relativamente a este local onde se situam todos os pontos que nos interessam.”* (Almada, Fernando, Lopes & Vicente, 2011, p.32).

Para operacionalizar esta matéria teremos por base a Taxonomia de Almada que assenta numa classificação das atividades com base nos comportamentos solicitados aos indivíduos que a realizam (Almada *et al.*, 2008). O desporto é encarado como um meio que visa a formação do indivíduo nas suas diferentes dimensões (aluno, cidadão, Homem) e não como um fim em si mesmo. Mais especificamente poderemos que à luz desta taxonomia a orientação é uma Atividade de Adaptação ao Meio que como podemos

visualizar na Figura 1 (abaixo) é representado de uma forma simplificada pelo modelo  $y=f(x)$ , onde  $x$  representa os fatores em jogo e  $y$  os comportamentos que são solicitados ao indivíduo.



**Figura 1- Pressupostos utilizados para abordar a Orientação**

Nesta relação com um meio onde não deverá existir uma automatização dos fatores de integração por parte do desportista/aluno, até porque não será eficiente, é fundamental que para o desenvolvimento do aluno lhe sejam solicitados comportamentos que visem: uma compreensão da dinâmica do meio e interpretação dos indicadores do que se está a passar, a montagem de estratégias de operacionalização adequadas aos problemas que vão surgindo e a operacionalização das estratégias escolhidas de modo a testá-las na resolução dos problemas. Todo este processo, naturalmente pressupõe que este trabalho seja realizado, numa perspetiva global, onde em simultâneo são trabalhadas as entradas sensoriais, o tratamento central e as saídas motoras do aluno.

Com base neste enquadramento mais teórico, passamos a identificar alguns dos problemas mas comuns que identificamos na lecionação da matéria de orientação na escola.

Explicar a importância do conceito de orientação num espaço desconhecido é fácil, pois o próprio contexto vai encarregar-se de proporcionar um conjunto de problemas que levam a que o indivíduo seja solicitado para a identificação de pontos de referência e montagem de estratégias com base no tratamento da informação recolhida.

O problema é que muitas vezes quando este tipo de matéria é lecionada no próprio espaço da escola, um contexto que é bem conhecido dos alunos, o que não seria um problema se esta condicionante não levasse a que os princípios ativos deste tipo de conteúdo fossem desvirtuados, e conseqüentemente, também os comportamentos que são

solicitados aos alunos. Damos um exemplo concreto para melhor explicar a nossa perspetiva.

Quando o professor apresentar ao aluno uma sequência de pontos a percorrer num “mapa” da escola (onde os alunos conhecem e já visualizaram a maior parte das marcações) esta atividade leva a que os alunos simplesmente se desloquem para os pontos propostos e não desenvolvam qualquer capacidade importante para a orientação (como acima referimos). Os alunos com maior sucesso neste tipo de atividade são provavelmente os alunos mais rápidos a percorrer aquele percurso e não aqueles que melhor dominam a orientação.

Naturalmente, que se o objetivo desta atividade for fazer atletismo, está certo! Mas se pretendermos desenvolver capacidades inerentes à orientação então estamos a passar completamente ao lado do objetivo.

Para poder desenvolver atividades coerentes com os objetivos que pretendemos atingir é necessário compreender a atividade que estamos a realizar, ou seja, também para o professor é necessário que este também não se contente em ser um mero repetidor de exercícios, especialmente daqueles que por serem os que o seu professor fazia, possivelmente já ultrapassaram todos os prazos de validade.

É a compreensão profunda da atividade e das variáveis que a constituem e sobretudo das interações que estas estabelecem que nos permitem conceber exercícios e atividades coerentes com os alunos que temos e com os objetivos que pretendemos atingir.

Tendo em consideração a definição de orientação que anteriormente citámos e a necessidade de aprofundamento deste conteúdo, vejamos a figura abaixo apresentada (Figura 2).

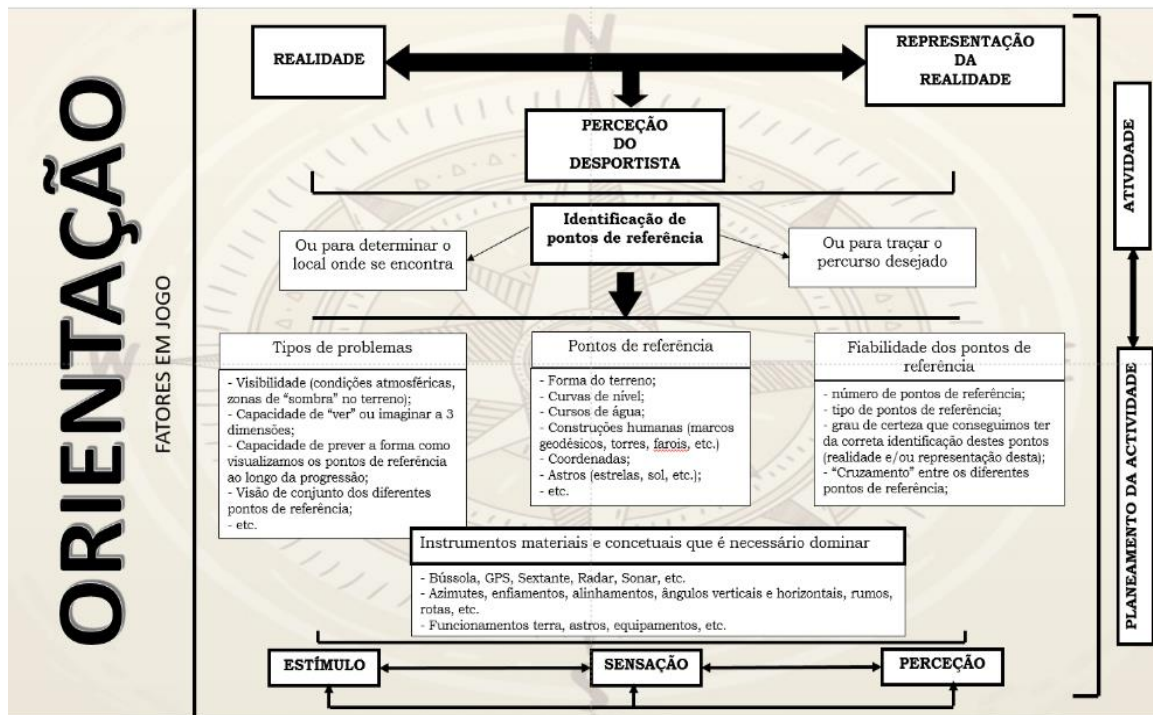


Figura 2 – Fatores em jogo a ter em consideração na orientação

Através do quadro apresentado é possível de uma forma simplificada compreender quais os fatores que é necessário considerar para conceber situações que estimulem o aluno a compreender o conceito de orientação e ajustá-los ao longo da atividade de modo a proporcionar uma evolução deste de acordo com as dificuldades identificadas.

Quando realizamos um percurso é fundamental compreender a dinâmica do meio e interpretar os indicadores do que se está a passar, isto é, é preciso perceber e interpretar quais os pontos de referência que posso utilizar e como é que a minha visão dos pontos de referência vai variar ao longo do percurso. Mas também saber montar estratégias de operacionalização adequadas, ou seja, tendo em consideração a informação recolhida do meio, decidir, quais os pontos de referência a utilizar para seguir o caminho pretendido, durante o caminho ir encontrando quais os pontos de referência intermédios a utilizar, assim como decidir quais as técnicas de orientação mais adequadas ao caminho escolhido.

Por fim, é necessário operacionalizar as estratégias para responder aos problemas. Não chega pensar, é preciso saber fazer o percurso sem perder de vista os pontos de referência definidos e o sentido do deslocamento pretendido e utilizar as técnicas de orientação com a precisão adequada ao objetivo.

Mas como será possível no contexto da escola, e portanto, num local bem conhecido dos alunos operacionalizar isto.

Com base nos fatores em jogo definidos para a orientação e nos comportamentos que pretendemos solicitar aos alunos vamos apresentar exemplos de algumas atividades que podem ser realizadas no contexto da Escola sem desvirtuar os princípios ativos deste tipo de matéria.

Encontrar um ponto

Encontrar um ponto através (diagrama – Figura 3) do cruzamento das direções em que visualizamos vários pontos de referência é uma forma de treinar algumas das estratégias utilizadas na orientação.

Esta abordagem funcional da orientação permite-nos que o aluno “levante os olhos do chão” e se preocupe em olhar ao seu redor e também ultrapassar as dificuldades de realizar orientação num espaço conhecido (a escola) pois a resolução do problema centra-se na compreensão de como o cruzamento de diferentes pontos nos podem dar uma localização.

Este tipo de exercício poderá ser feito para um ponto apenas ou para um conjunto de pontos que resultam num percurso onde cada um deles será representado por um diagrama. Podem ser inclusive introduzidas variantes consoante o nível dos alunos, como por exemplo, em vez da foto podemos utilizar um azimuth, ou a descrição do ponto de referência.

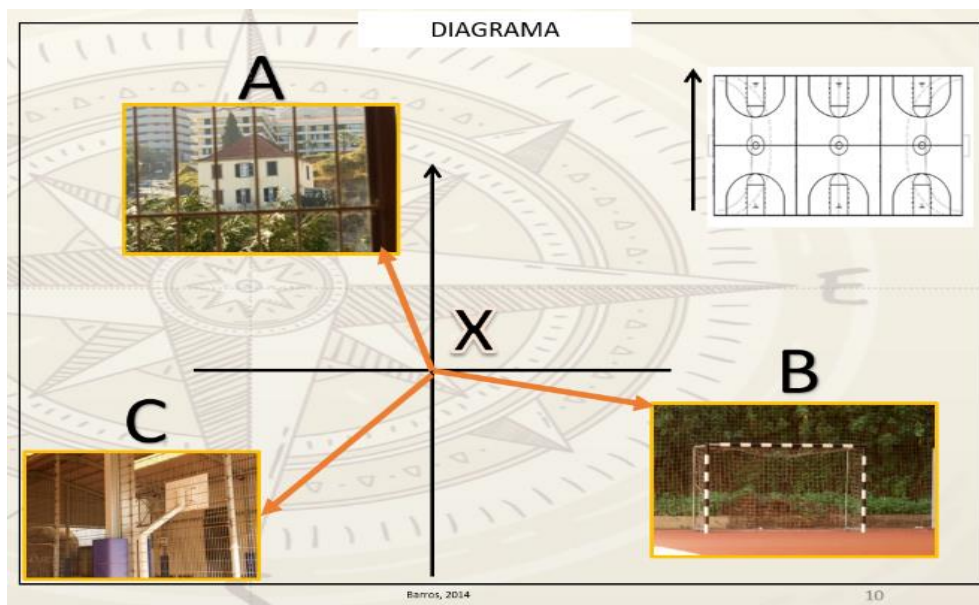


Figura 3 – Exemplo de diagrama.

### Curvas de nível

As curvas de nível vão permitir-nos perceber a inclinação do terreno, mas também ter a noção de possíveis pontos de referência e dos pontos em nosso redor que conseguimos visualizar durante um percurso.

Passar da visão da carta (num só plano) para uma realidade a 3D nem sempre é fácil e exige treino (Figura 4).

A utilização de materiais como as pedras podem ajudar-nos a desenvolver este tipo de capacidades de uma forma simples, através de jogos por exemplo, podemos pedir aos alunos que façam corresponder as imagens A fornecidas às pedras correspondentes, ou o inverso.

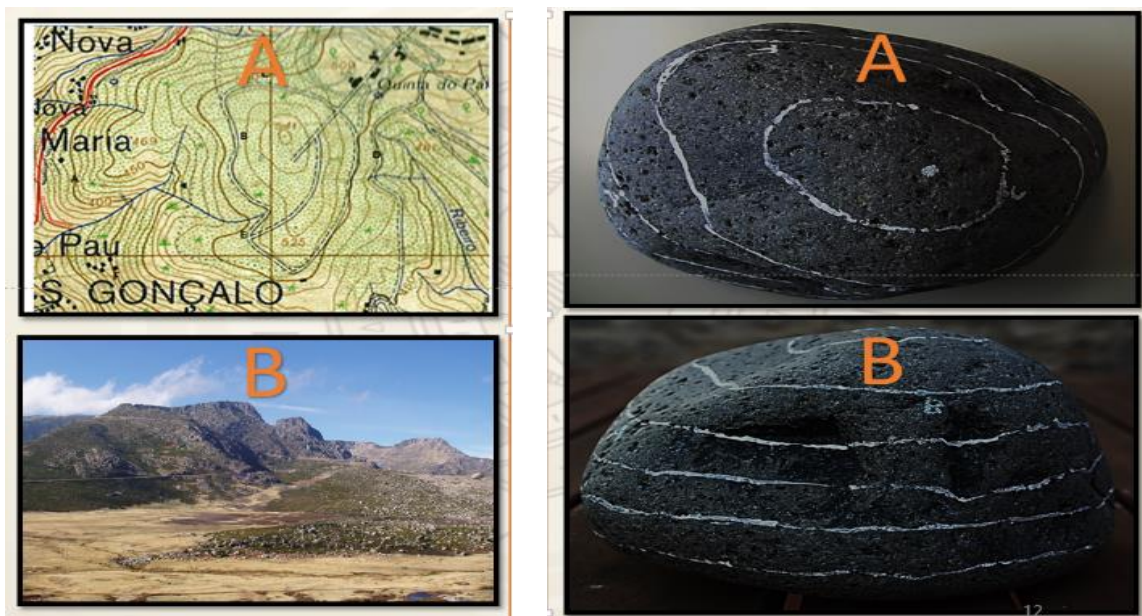


Figura 4 – A-representa o terreno visto “de cima” tal como aparece num mapa; B-Visualização do terreno a 3 dimensões.

### **Considerações Finais**

De uma sintética podemos dizer que fazer orientação na escola só é um obstáculo se não existir um domínio do conhecimento que nos permita estruturar os conteúdos de uma forma funcional, de modo a que possamos solicitar os comportamentos que desejamos aos alunos.

Este domínio da relação entre as variáveis em jogo e os comportamentos solicitados permite-nos também personalizar as atividades para cada aluno trabalhando de forma a desenvolver as capacidades e potencialidades de cada indivíduo em vez de “trabalhar”

para uma média onde acabamos por não levar cada elemento ao seu limite, e portanto, não provocamos qualquer necessidade de adaptação e consequentemente as transformações que pretendemos que sejam realizadas.

Deste modo, se partirmos do pressuposto que o Desporto é um meio de transformação do Homem e que o papel do professor é ser um catalisador do processo de aprendizagem do aluno (Almada, Fernando, Lopes, Vicente e Vitória, 2008) é fundamental promover didáticas que sejam coerentes com os objetivos que se pretendem alcançar. Não é coerente defender que o aluno deve ser criativo, capaz de tomar decisões, autónomo, etc. e fomentar práticas pedagógicas onde o imitar, o decorar, o fazer sem pensar são predominantes.

É fundamental não esquecer que aumentar as competências dos alunos não passa pela acumulação de um repositório de “técnicas” alicerçadas em processos de imitação/repetição de soluções “padrão” mas sim por uma compreensão funcional dos fenómenos que lhes permita o domínio de uma metodologia que fornece as bases necessárias à compreensão dos problemas que vão surgindo e à procura das soluções mais rentáveis em determinados contextos.

### Referências Bibliográficas

Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A., Vitória, M. (2008). *A Rotura – A Sistemática das Atividades Desportivas*. Edição VML, Torres Novas. ISBN 978-989-95768-1-0.

Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A. (2011). *A Expedição – uma atividade desportiva dos grandes espaços*. Edição VML, Torres Novas. ISBN 978-989-95768-0-3.

Fernando, C., Vicente, A., Prudente, J., Simões, J. & Lopes, H.. (2017). *A didática nas atividades de adaptação ao meio - aprender nós*. . In Fino, C. N. & Sousa, J. M. (Orgs.). *(Contra) Tempos de Educação e Democracia, evocando John Dewey* (pp. 79-87). Funchal: CIE-UMa. ISBN: 978-989-20-8028-4.